



ISSN: 2595-5713
Vol. 05 | N.º. 9 | Ano 2022

Júlio Nunes Sandes Martins

CARTUNS E CHARGES EM COMBATE PELO FUTURO DO APARTHEID: THE CITIZEN x RAND DAILY MAIL (1975 – 1978)

CARTOONS IN COMBAT FOR APARTHEID'S FUTURE: THE CITIZEN VS
RAND DAILY MAIL (1975 - 1978)

RESUMO: Durante a década de 1970, um vultoso programa de propaganda pró-apartheid foi mantido dentro e fora da África do Sul de maneira secreta pelo governo nacionalista africânder. Esse programa contou com o estabelecimento de um jornal em língua inglesa, o The Citizen, primeiro jornal no idioma na imprensa sul-africana a apoiar absolutamente as políticas do governo. Neste jornal, charges e cartuns editoriais eram publicados periodicamente como forma de expressar um comentário do veículo a respeito dos temas e personagens relevantes no debate público sul-africano da década de 1970. Tal produção, por sua vez, era fortemente rivalizada em âmbito nacional pela atuação do Rand Daily Mail, principal jornal em língua inglesa, e o responsável por expor a própria existência daquele programa de propaganda secreto. Essa rivalidade editorial, entretanto, é menos absoluta do que a visão comum da imprensa sul-africana no período de vigência do regime de apartheid pode dar a entender. Neste artigo, alguns cartuns e charges editoriais publicados por ambos os periódicos, entre 1975 e 1978, são analisados a fim de dar complexidade ao cenário de embate político editorial dentro da imprensa sul-africana, em especial aquela que visava os leitores de língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: Cartuns; Charges; Propaganda; África do Sul; Apartheid.

ABSTRACT: During the 1970s, a massive pro-apartheid propaganda program was developed inside and outside South Africa in secret by the Afrikaner nationalist government. This program included the establishment of a newspaper in English language, The Citizen, the first newspaper in English within the South African press to absolutely support government policies. In this newspaper, editorial cartoons were published periodically as a way of expressing a political commentary regarding the relevant subjects in the South African public debate throughout the mid-1970s. Such production, in turn, was strongly rivaled at the national level by the Rand Daily Mail, the main English-language newspaper, the same which was responsible for exposing the very existence of that secret propaganda program. This editorial rivalry, however, is less absolute than the common view of the South African press during the apartheid regime might imply. In this article, some cartoons published by both periodicals between 1975 and 1978 were analyzed in order to build a more nuanced scenario of the editorial political clash within the South African press, especially the one aimed at English reader.

KEY WORDS: Cartoons; Propaganda; South Africa; Apartheid.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre António Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

CARTUNS E CHARGES EM COMBATE PELO FUTURO DO APARTHEID: THE CITIZEN x RAND DAILY MAIL (1975 – 1978)

Júlio Nunes Sandes Martins ¹

Introdução: a imprensa na África do Sul

Em meados dos anos 1970, havia uma percepção quase consensual em Pretória sobre a centralidade da imprensa como *front* primordial da guerra de propaganda que a África do Sul era obrigada a lutar. A percepção que nascera em círculos da Província do Cabo em meados dos anos 1960, ganhou força por todo o país quando o livro de Eschel Rhodie, *A Cortina de Papel* (*The Paper Curtain*, no original em inglês), foi editado em 1969. Segundo o autor, havia uma cortina de mentiras costurada pela imprensa ocidental que impedia uma real apreciação global sobre a África do Sul e as políticas de *desenvolvimento apartado* que segregavam negros, brancos, indianos e mestiços no país – o *apartheid*. A essa tática, o então funcionário do Serviço de Informação da África do Sul chamava de *cortina de papel*.

Devido a tal formulação, Rhodie foi convidado em 1972 pelo Ministro da Informação, Cornelius Mulder, para assumir o cargo de Secretário de Informação e desenvolver uma nova política de informação para o governo, focada em ações ativas para construir uma imagem positiva do governo em contraponto à hostilidade que, na visão do governo africânder, dominava tanto os noticiários ocidentais (mais sabidamente nos EUA e na Europa) como os jornais sul-africanos em língua inglesa. Com o aval do então primeiro-ministro Johann Vorster, Mulder e Rhodie passaram a desenhar e operacionalizar uma verdadeira máquina para lutar na guerra de propaganda em defesa do *apartheid*. De 1973 a 1979, dezenas de projetos foram concebidos e executados pelo Departamento de Informação em conjunto com parceiros privados, sendo vários deles concentrados em disputar a influência da população anglófona na África do Sul, principalmente os brancos de ascendência inglesa.

O principal entrave a isso era o que o governo percebia como um posicionamento explícito dos principais grupos editoriais de língua inglesa no país em oposição ao nacionalismo africânder do Partido Nacional. É um ponto relativamente pacífico na discussão sobre o papel da imprensa durante o regime de *apartheid* o papel de oposição que os periódicos publicados em língua inglesa, produzidos e editados por grupos editoriais de origem inglesa, desempenhavam ao governo do Partido Nacionalista africânder. Todavia, tal oposição precisa ser contextualizada,

¹ Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (PPGH-UFBA) e professor da rede privada de educação básica nas cidades de Ribeira do Pombal-BA e Cipó-BA. E-mail: julio.sandes@live.com.pt.

analisada e matizada.² Antes de mais nada, é preciso que se encare o cenário de disputa na imprensa do país, uma realidade muito anterior ao surgimento do *apartheid*, em 1948. Conforme Hachten & Giffard (1984) expuseram ao analisar a imprensa sul-africana,

Desde os primeiros dias da imprensa colonial, jornais na África do Sul têm sido identificados com um dos dois grupos [falantes] de idiomas brancos, com suas diferentes culturas, filosofias políticas e interesses econômicos. Eles [os jornais] refletiram, e têm sido parte, de uma luta por poder entre esses dois grupos. Não importa qual governo calhava de estar no poder em qualquer período específico, uma parcela da imprensa não se sentia representada e expressava sua oposição vociferadamente através de seus jornais. O contínuo abismo entre os dois grupos populacionais tem significado que os jornais do país nunca superaram o estágio de uma imprensa altamente partidária (HACHTEN; GIFFARD, 1984, p. 21).³

Tal panorama de engajamento partidário dos periódicos se escancarou à medida que a imprensa foi se proliferando e passou a constituir importante parte da vida política do país. Além disso, os autores identificaram a diversificação das realidades dentro dos dois grupos falantes de idiomas brancos – afinal, se é verdade que existia uma *imprensa em africâner* e outra *em inglês*, também é verdade que o compartilhamento do idioma nem sempre significou dispor dos mesmos interesses. Originados de disputas entre frações diferentes da burguesia britânica proprietária de minas, na década de 1970, os dois grandes grupos editoriais do que chamamos de *imprensa em língua inglesa* viviam em um arranjo consideravelmente pacífico e funcional depois de décadas de disputas por audiência, embates políticos acalorados e absorção de competidores menores (HACHTEN; GIFFARD, 1984, p. 21-49).

Esse arranjo tinha, de um lado, o grupo Argus, construído desde o fim século XIX sob a proteção (e marchando em paralelo às ideias) de Cecil John Rhodes, magnata inglês responsável pelos jornais vespertinos; do outro, a Associação Sul-Africana de Jornais (SAAN, na sigla original), formada quando *Rand Daily Mail* e *Sunday Times* se fundiram, em 1955, que controlava os jornais diários e periódicos dominicais matutinos (KEOGH, 2000). O vínculo entre ambos era profundo:

² Por isso, as questões postas por William Minter (1994), em seu texto a respeito das explicações por trás das guerras em Angola e Moçambique, têm grande valia na complexidade desse cenário de oposição, aparentemente homogêneo. Do mesmo modo, a investigação de Marcelo Bittencourt (2008) sobre os conflitos dentro do nacionalismo angolano, e a pesquisa em profundidade de Jamie Miller (2016) sobre as disputas dentro do nacionalismo africâner, são úteis na apreciação das fraturas possíveis dentro da própria abordagem do veículo pró-governo.

³ Tradução minha. No original: “*From the earliest days of the colonial press, newspapers in South Africa have been identified with one or other of the dominant white language groups, with their very different cultures, political philosophies, and economic interests. They have reflected and been a part of the struggle for power between these groups. No matter what government happened to be in power at any given time, one section felt it was not represented and expressed its opposition vociferously through its newspapers. The continuing gulf between the population groups has meant that county's newspapers have never outgrown the stage of a highly partisan press.*”

Argus e SAAN são financeiramente relacionadas, com Argus possuindo 40% das ações da SAAN e SAAN sendo dona de uma porção ligeiramente menor do Argus. Ambos os grupos editoriais são estritamente vinculados aos interesses industriais e mineradores, e sua propriedade encadeada os torna vulneráveis às acusações governamentais de monopólio e concentração de propriedade (HACHTEN e GIFFARD, 1984, p. x-xi).⁴

É por essa relação entre os grupos que conseguimos nos referir, na década de 1970, a uma imprensa em língua inglesa que compartilhava um conjunto de semelhanças, até mesmo quando os veículos destoavam no tom de cobertura das ações do governo africânder. Afinal de contas, por mais agudos que os antagonismos entre nacionalismo africânder e liberalismo de ascendência inglesa possam ter sido, sob o jugo do *apartheid*, eles se davam debaixo do seguro guarda-chuvas da *branquidade*.⁵ É essa chave de interpretação que permite entender como um veículo, em tese, tão avesso à agenda política do governo africânder, como o *Daily News* de Durban, podia concordar tanto com a leitura do Partido Nacional a respeito dos movimentos de libertação que eclodiam em todo o continente africano desde os anos 1960.

Essa concordância é perfeitamente expressa em um cartum de Jack Loyden, veiculado pelo *Daily News* em fevereiro de 1961 (Figura 01). Nele, é possível ver um incêndio se espalhando a partir do centro do continente: o nacionalismo negro. Os “ventos da mudança”, mencionados pelo primeiro-ministro britânico Harold Macmillan, em discurso ao parlamento sul-africano cerca de um ano antes, seriam os responsáveis por alastrar as chamas na direção da Rodésia e da África do Sul. Na ilustração de Loyden, a elite branca nesses países continuava com seus afazeres, mantendo a casa em ordem, sem perceber o perigo que se aproximava.

⁴ “Argus and SAAN are financially linked, with Argus Holding 40 per cent of SAAN stock and SAAN holding a somewhat smaller part of Argus. Both publishing groups are financially tied to mining and industrial interests, and their interlocking ownership makes them vulnerable to government charges of monopoly and concentration ownership.”

⁵ Branquidade aqui é compreendida nos termos que Igor Costa apresenta, baseado em Frankenberg: “uma construção social e relacional com outros marcadores raciais [,] (...) um lócus de elaboração de uma gama de práticas não marcadas e não denominadas, ou denominadas como nacionais ou ‘normativas’, em vez de especificamente raciais. Essa característica ‘não-marcada’ [por sua vez] acontece apenas quando populações são inteiramente ‘convencidas pelos argumentos a favor da normatividade e neutralidade da branquidade’ [, sendo assim visível] para os homens de cor, mesmo quando diluídos em uma ‘falsa universalidade’ para os brancos” (COSTA, 2015, p. 70).



Figura 01 – “Vindo com o vento”, de Jack Lloyd
Fonte: *Daily News*, 25 de fevereiro de 1961

O cartum do *Daily News* não serve apenas como exemplo da ambiguidade da oposição que a imprensa de língua inglesa poderia oferecer à agenda do nacionalismo africânder. Os signos mobilizados por ele expressam em si noções sobre a complexidade dos arranjos de dominação branca nos países (a sofisticação das edificações ilustradas como metáfora para tais arranjos), o papel da branquidade em tais empreendimentos (a figura dos brancos apresentados visualmente como “donos da casa”) e o empenho dessas minorias brancas na manutenção de seus governos (a posição dos personagens como comentário a respeito da postura geral dos brancos nesses países). Dessa forma, o cartum não é interessante como *exemplo* de uma discussão travada no seio da branquidade sul-africana – ele é, em si, um *argumento* levantado dentro dela, afirmando uma série de noções e representando, ao mesmo tempo, constructo e construtor de sentidos políticos.

É com essa inclinação que este artigo pretende discutir os cartuns publicados nos jornais *Rand Daily Mail* e *The Citizen*, tratando-os não como exemplos, mas como argumentos em si.⁶ A análise proposta tem como objetivo produzir conhecimento histórico a partir de tais fontes, entendendo-as como argumentos visuais que influenciaram o debate público sobre o tema e, por isso, mobilizavam nas cenas ilustradas uma série de signos expressando/interpretando/atualizando noções diversas compartilhadas pelas comunidades leitoras dos jornais em questão. Desta forma, a proposta de análise é esmiuçar o significado dos cartuns de ambos os periódicos, levando em consideração as vinculações políticas dos grupos

editoriais que os controlavam; as dinâmicas de produção e consumo dos jornais diários; as raízes e o movimento de articulação entre as ações propagandísticas, diplomáticas e militares do governo sul-africano na defesa da dominação branca no sul da África.

A disputa pelo Sudoeste na imprensa sul-africana

No ano de 1978, um dos assuntos mais constantes na imprensa sul-africana eram as primeiras eleições gerais do Sudoeste Africano com sufrágio universal, a serem realizadas no final do ano. Não era para menos, pois desde 1966, as Forças de Defesa da África do Sul empenhavam-se em um conflito de baixa intensidade e alta letalidade contra os movimentos independentistas da antiga colônia alemã, administrada pela África do Sul desde 1915, sob mandato da Liga das Nações. As eleições de 1978 poderiam apresentar uma solução definitiva para esse conflito. Além disso, o processo de construção do pleito eleitoral passou por neutralizar a ameaça descrita no cartum de 1961 do *Daily News* – o referido nacionalismo negro, que colocava em xeque a existência de regimes políticos controlados por minoria branca no continente africano.

A extensa cobertura dedicada ao assunto na imprensa sul-africana não se resumia às reportagens a respeito das eleições que estavam por vir. Além das matérias, haviam colunas de opinião onde intelectuais e jornalistas comentavam os últimos acontecimentos a respeito do assunto, editoriais onde a chefia institucional dos jornais se manifestava e também os cartuns. Esses últimos inserem-se em um *entrelugar* de expressão que é bastante escorregadio, e por isso mesmo, relevante: ao mesmo tempo que são obra de um ilustrador, um indivíduo em particular que tece um comentário sobre o assunto do momento, também ganham a conotação de posicionamento adotado pelo grupo editorial do jornal – é uma espécie de comentário visual exclusivo, assinado pelo cartunista, mas que demanda um alinhamento com as posições do editor e/ou do conselho editorial do periódico para ser publicado. Além disso, em sociedades onde o analfabetismo é alarmante, como era o caso da África do Sul da década de 1970,⁷ é possível conceber que o alcance da mensagem cartunística ultrapassava em muito o alcance do texto editorial dos jornais, o que reforçava (do ponto de vista de quem publica) a necessidade de

⁶ Com isso, a perspectiva aqui apresentada se distancia daquela criticada por Ulpiano Meneses, quando o trabalho historiográfico busca “iluminar as imagens com informação histórica externa a elas, e não produzir conhecimento histórico novo a partir dessas mesmas fontes visuais” (MENESES, 2003, p. 20).

⁷ Há dados conflitantes, mas estima-se que, em 1980, a porcentagem iletrada da população sul-africana maior de 15 anos girasse entre 25% e 20% (BANCO MUNDIAL, 1980; UNESCO, 1980) Mesmo com a contradição entre as duas fontes, é seguro afirmar que, no final da década de 1970, o letramento da população sul-africana era deficitário, principalmente dentre as populações negras, asiáticas e mestiças.

alinhamento entre a posição do jornal e aquela expressa no cartum. Como bem sintetizou Thomas Milton Kemnitz ao refletir sobre a eficácia comunicativa dos cartuns editoriais,

[...] O cartum tem mais chances de comunicar seu ponto do que outros meios de comunicação impressos. Muito mais pessoas entendem a mensagem do cartum na página editorial do que ler o editorial ou as colunas assinadas. Quando os cartuns não eram veiculados em jornais e quando menos pessoas ainda podiam ler fluentemente, a desproporção entre visualizadores de cartuns e leitores de editoriais provavelmente era ainda mais alta nos centros urbanos (KEMNITZ, 1973, p. 84).⁸

Dessa forma, se expandia a relevância dos cartuns publicados pelos dois principais jornais engajados na disputa midiática pela influência sobre a opinião da audiência anglófona na África do Sul, notadamente, os brancos de origem inglesa, uma vez que é possível concebê-los como sendo a parte dos referidos jornais que mais efetivamente conseguia ir além do público que pretendia atingir (chegando também aos negros, asiáticos e mestiços), assim como grupos analfabetos ou semiletrados.

***Rand Daily Mail* e os cartuns liberais**

Na aludida *guerra de propaganda*, o governo africânder entendia que o *Rand Daily Mail* era o seu principal adversário. Mais notável jornal veiculado em Johannesburgo, o periódico diário era publicado pelo grupo SAAN (*South African Associated Newspapers*), que chegou a receber uma oferta de compra feita em nome do magnata Louis Luyt em 1975, mas que secretamente fazia parte de uma operação capitaneada pelo Departamento de Informação (HACHTEN; GIFFARDS, 1984; SANDERS, 1997). Tal movimento foi uma tentativa de neutralizar em particular o *Rand Daily Mail* devido às suas constantes críticas ao governo e ao Partido Nacional africânder. Apesar do fracasso da tentativa de compra, que foi rapidamente interpretada pelo grupo SAAN como um ataque ao jornalismo produzido por seu periódico, a mera existência desse movimento já era um indicativo de como o Departamento de Informação encarava tal publicação: uma ameaça interna ao regime.

Seguindo a interpretação de Kemnitz a respeito do aumento da penetração dos cartuns em sociedades com menor nível de letramento, é possível crer que parte do temor provocado pelo *Rand Daily Mail* no governo nacionalista africânder derivava do trabalho de Bob Connolly. O artista estadunidense havia desembarcado na África do Sul em 1937 para trabalhar por um ano

⁸ “(...) *The cartoon is more likely to get its point across than other printed means of communication. Many more people grasp the point of the cartoon on the editorial page than read the editorials or signed columns. When the*

no *Daily Express* de Johannesburg, contrato que foi estendido até 1939, quando o jornal foi à falência. A partir de então, os cartuns editoriais de Connolly passaram a habitar com frequência a primeira página interna do *Rand Daily Mail*, lado a lado com o texto do editor – na segunda metade da década de 1970, ele já se tornara o “dono” do espaço, deixando de revezar a criação com outros artistas e sendo o único cartunista do jornal. Sobre o trabalho de Connolly, Mason (2010) sintetiza as discussões existentes no seio dos estudos de cartuns na África do Sul:

Em seus cartuns políticos, ele (Connolly) atacava o Partido Nacional, mas esses ataques, de acordo com Schoonraad, ‘eram mais divertidos do que maliciosos’. (...) Vernon critica Connolly por ele ter sido incapaz de responder de modo duro ao massacre de Sharpeville, em 1960, ou de alcançar os fatos subjacentes à vida política sul-africana. Em vez disso, ‘ele pintou o *apartheid* e o nacionalismo negro como igualmente ruins’ (MASON, 2010, p. 58).⁹

O que Mason apontou ter estado ausente da leitura feita por Ken Vernon (2000) é que a equivalência entre *apartheid* e nacionalismo negro não era uma proposta de Connolly, mas sim uma visão existente dentro do senso comum liberal de ascendência inglesa no país. Como o próprio Mason (2010, p. 57) afirmaria, esse era o “dilema liberal” das décadas de 1960, identificável no conteúdo da imprensa sul-africana de então: se, por um lado, os jornais dos grupos editoriais ingleses, (também outros como *Daily News*, do grupo Argus, rival da SAAN no segmento) faziam uma marcação cerrada aos movimentos do governo africânder, por outro, faziam isso sem questionar os limites da política institucional branca no país, acomodando-se a uma dinâmica que lhes garantia proeminência. A questão não era meramente individual, de escolha artística, pois estava no centro das dinâmicas de produção, edição e circulação de jornais na África do Sul da década de 1970. Em outras palavras: o enquadramento que os cartuns de Connolly davam aos acontecimentos da política institucional sul-africana não era apenas um resultado de sua visão sobre as coisas, mas também expressava a postura do jornal em que ele publicava e, em última instância, do grupo editorial que respondia pelo jornal.

De todo modo, as linhas gerais da abordagem comum aos cartuns de Connolly no *Rand Daily Mail* também estavam presentes ao longo do ano de 1978, quando o assunto da vez era a questão do Sudoeste Africano. O tom jocoso que Vernon (2000) identificou nos cartuns e charges do artista estava ali, constantemente fazendo pouco caso das figuras centrais do Partido Nacional africânder, mas sempre expressando mensagens que iam além disso.

cartoon was not linked to newspapers and when fewer people could read fluently, the disproportion between cartoon viewers and editorial readers may have been still higher in urban centers.”

⁹ “*In his political cartoons he often attacked the National Party, but these attacks, according to Schoonraad, ‘were cheerful rather than malevolent’. (...) Vernon criticizes Connolly because he was unable to come up with a hard-hitting response to the Sharpeville massacre of 1960, or to grasp the underlying facts of South African political life. Instead, ‘he tried to equate apartheid and black nationalism as equal evils’.*”

No dia 02 de agosto de 1971, o *Rand Daily Mail* publicou o cartum “*Situation at Glance*” (“Relança da situação”, em tradução livre), comentando o acordo feito entre as autoridades sul-africanas e a Organização das Nações Unidas a respeito da presença das Forças de Defesa Sul-Africanas no território do Sudoeste Africano. Na cena, Kurt Weildheim, Secretário-Geral da ONU na época, comemorava o acordo de resolução das tensões militares, enquanto atrás dele se vê o Ministro das Relações Internacionais da África do Sul, Pik Botha, e o Primeiro-Ministro Johann Vorster se banhando em uma banheira que representa Walvis Bay, região-chave do território que continuou sob controle sul-africano até 1990. Junto a eles na banheira está uma pomba branca carregando um ramo no bico, elemento recorrente nos cartuns de Connolly sobre o assunto, representando a paz almejada para a região. Ou seja: na leitura da charge, o acordo era vazio, pois a presença sul-africana em Walvis Bay continuaria inviabilizando a paz na região da Namíbia – a paz concretizada era, apenas, a paz para que os negócios do governo africânder continuassem a ser tocados com privacidade na região. Um elemento curioso e recorrente nos cartuns de Connolly é a presença do personagem *Little Man*. Ele é constantemente utilizado para representar o cidadão branco médio sul-africano, ou o que seria a opinião geral daquele grupo demográfico. A cegueira racial do senso comum liberal branco, entretanto, fazia com que, eventualmente, a totalidade do povo sul-africano fosse representada por uma imagem/perspectiva exclusivamente branca (ver Figuras 02 e 03).

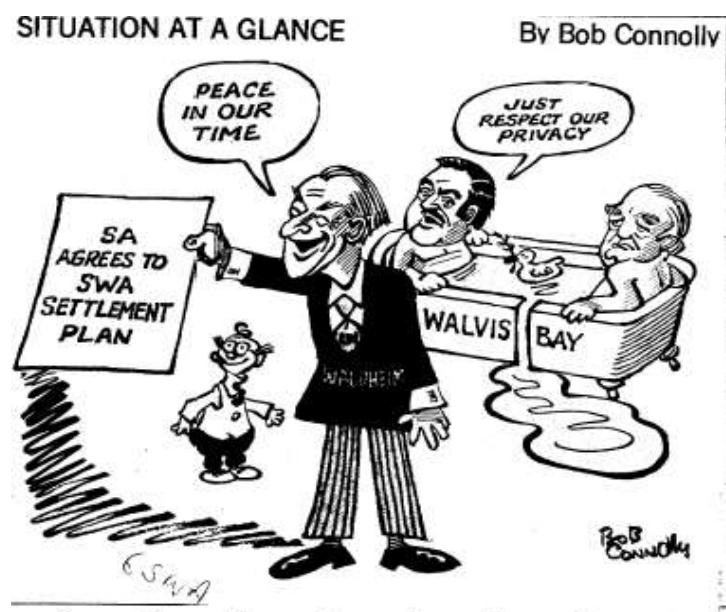


Figura 02 – “Relança da Situação”, de Bob Connolly
 Fonte: *Rand Daily Mail*, 02 de agosto de 1978

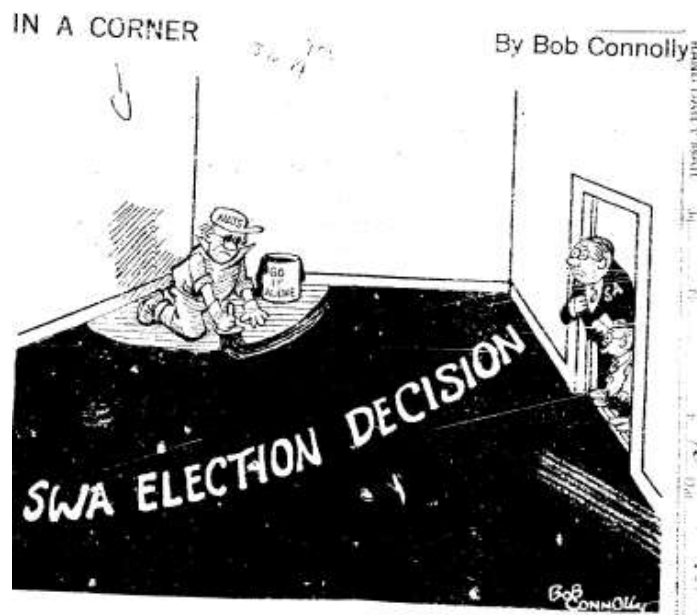


Figura 03 – “Encurrulado”, de Bob Connolly
Fonte: Rand Daily Mail, setembro de 1978

Em “*In a Corner*” (“Encurrulado”, em tradução livre), de setembro de 1978, apresentou-se uma crítica à maneira como o governo conduzia as questões referentes às eleições no Sudoeste Africano: há um personagem representando os “*Nats*” (membros do Partido Nacional africânder) pintando o chão de uma sala, da porta para a quina do cômodo, de modo que se encontra preso no canto do aposento. Na porta, do lado de fora, vê-se o *Little Man* característico dos cartuns de Connolly, acompanhado de um outro senhor branco com *SA* escrito no terno (sigla para *South Africa*), que representa a África do Sul, ambos parados à porta da sala, cuja pintura representa a “Decisão da Eleição do Sudoeste Africano”. Na lata de tinta usada pelos “*Nats*” para pintar tal solução se lê: “Ir sozinho” (“*Go it alone*”). A mensagem da charge, então, é de que a forma como o Partido Nacionalista decidia lidar com as eleições no Sudoeste Africano deixava de lado completamente a participação da África do Sul enquanto país, tornando aquele um processo de decisão política que representava exclusivamente os interesses do governo, e não do país como um todo. Além disso, pela forma como pintou, o pintor nacionalista terá que estragar sua obra para conseguir sair da situação em que se encontra. Até que resolva jogar fora todo seu trabalho, estará ilhado, assim como as Forças de Defesa Sul-Africanas estacionadas em Walvis Bay.

Já em “*Advocate for Change*” (“*Em defesa da Mudança*”), há um teor irônico: a frase que dá título ao cartum é comumente usada em contextos de crítica social, em que “advogar pela mudança” significa defender uma mudança social de cunho progressista. No cartum, vemos Pik Botha, Ministro das Relações Internacionais do governo sul-africano, advogando pela mudança nas propostas militares da ONU para o Sudoeste Africano. Na ilustração (Figura 04) ele está

marchando acompanhado do *Little Man*, em protesto contra as forças da ONU que chegavam ao território para mediar a saída das Forças de Defesa Sul-Africanas do território.

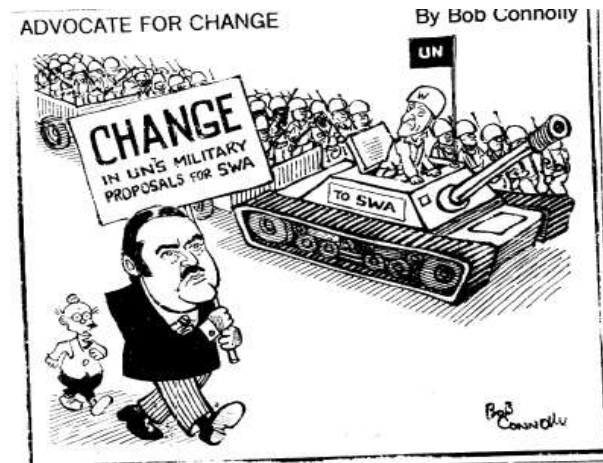


Figura 04 – “Em defesa da mudança”, de Bob Connolly
Fonte: *Rand Daily Mail*, 05 de setembro de 1978

Essas críticas, por outro lado, coexistiam com leituras, no mínimo, otimistas a respeito da atuação do judiciário sul-africano na arbitragem das eleições que se realizariam em dezembro de 1978 no país vizinho. Em julho, um mês depois do Ministro da Suprema Corte sul-africana, Martinus Steyn, decidir pela não participação da *SWAPO* (Organização do Povo do Sudoeste Africano, em tradução para o português, principal força popular da luta pela independência do país) no pleito eleitoral, o *Rand Daily Mail* publicou o cartum “*How the West Won*” (Como o Ocidente Venceu), onde se vê um Tio Sam (representando o Ocidente sob liderança dos Estados Unidos da América) cavalcando em um cavalo com Johann Vorster e laçando Sam Nujoma, líder da *SWAPO*, puxando-o para o “caminho da paz”. Na imagem (Figura 05), ele é acompanhado pela pomba da paz e pelo *Little Man*, que vão na mesma direção.



Figura 05 – “*Como o Ocidente Venceu*”, de Bob Connolly
Fonte: *Rand Daily Mail*, 14 de julho de 1978

Em outro momento (Figura 06) é possível ver o Ministro Steyn aparecendo nos cartuns como o responsável por arrumar, junto com o Comissário da ONU para a Namíbia, Martin Ahtisaari, a bagunça em que se encontra o Sudoeste Africano, como em “*Wash and Dry*” (“Lavar e Secar”). Dias depois, outro cartum – “*Progress Report*” (“Relatório de Progresso”) colocava o diplomata e ex-presidente finlandês ensinando a pomba da paz a caminhar junto a Kurt Weildheim, Secretário-Geral da ONU, enquanto o Juíz Steyn aguarda para levar a pomba até o Sudoeste Africano através das eleições (Figura 07).



Figura 06 – “Lavar e Secar”, de Bob Connolly
Fonte: *Rand Daily Mail*, 09 de agosto de 1978



Figura 07 – “Relatório de Progresso”, de Bob Connolly
Fonte: *Rand Daily Mail*, 24 de agosto de 1978

A própria *SWAPO* aparecia com menor frequência nos cartuns do jornal sobre a disputa envolvendo o Sudoeste Africano. Quando era representada, o era através da figura de sua liderança, Sam Nujoma, quase sempre com trajes militares e segurando um fuzil (ver Figura 05). Em dado momento, Connolly fazia piada com a caracterização beligerante que o Partido Nacional africânder propagava sobre Nujoma e seu grupo, como em “*Nat Party Congresses*” (“Congressos do Partido Nacional”), onde coloca Pik Botha e P.W. Botha, então Ministro da Defesa, fantasiados de mosqueteiros que enfrentam um Nujoma fortemente armado até os dentes. É curioso que a imagem propagada pelos próprios cartuns desenhados por ele não passe muito longe disso. (Figura 08).

Esse panorama só corrobora a leitura que Mason fez sobre os cartuns de Connolly:

Parece que os liberais sul-africanos caracteristicamente se viam pegos entre dois extremos que consideravam desagradáveis. [...] Como muitos outros intelectuais brancos sul-africanos, esses cartunistas estavam na desagradável posição de serem ao mesmo tempo críticos e beneficiários do sistema político em vigor no país.

[...]

Na minha concepção, a importância dele [Bob Connolly] na história dos cartuns sul-africanos é exatamente esta, de nos dar um retrato bem acurado do estado do liberalismo sul-africano durante o período [em que produziu cartuns editoriais] (MASON, 2010, p. 57-58).¹⁰



Figura 08 – “Congressos do Partido Nacional”, de Bob Connolly
Fonte: *Rand Daily Mail*, 08 de setembro de 1978

¹⁰ “It seems that South African liberals characteristically saw themselves as caught between distasteful extremes. [...] Like many other white South African intellectuals, these cartoonists were in the invidious position of being both critics and beneficiaries of the country's political system. [...] To my mind, his importance in the history of South African cartooning is that he did exactly this, giving us a very accurate picture of the state of South African liberalism during the period.”

Para o Partido Nacional, entretanto, os comentários visuais jocosos e as críticas às políticas do governo eram um problema que precisava ser enfrentado. Dentro do plano de propaganda elaborado por Eschel Rhoodie, sob o comando do Ministro Cornelius Mulder, a ideia de responder aos ataques do *Rand Daily Mail* não parou quando a compra da SAAN por Luyt fracassou, em 1975. No auge da polêmica sobre o Sudoeste Africano e as eleições de dezembro de 1978, o Departamento de Informação já estava executando seu plano B.

***The Citizen*: quando o nacionalismo africânder desenha em inglês**

Como Sanders estabeleceu, a campanha de propaganda visando estabelecer uma “defesa ativa” da imagem do regime não ficou suspensa depois da tentativa frustrada de adquirir o grupo que publicava o *Rand Daily Mail*.

Quando seu lance [pelo grupo SAAN] fracassou, o Departamento de Informação decidiu que, secretamente, lançariam seu próprio jornal em língua inglesa, *The Citizen*. Esse projeto também teria como homem de frente o empresário Louis Luyt, que havia conduzido a abordagem ao SAAN (SANDERS, 1997, p. 72-73).¹¹

Quando o jornal surgiu nas bancas, em 1976, já causou estranheza por destoar drasticamente dos outros jornais em língua inglesa. Mesmo com uma cultura editorial jornalística que mantinha a autocensura como hábito em crescente uso, o tipo de cobertura que o *The Citizen* fazia era quase que completamente esvaziado de criticidade quando o assunto eram as ações do governo. E os cartuns editoriais não ficavam atrás. Publicados na primeira página interna do jornal, as charges do *The Citizen* não eram assinadas por um artista apenas, como era o caso de Bob Connolly no *Rand Daily Mail*, na segunda metade da década de 1970. Sendo uma publicação recente, o periódico apostou na contratação de nomes ascendentes que buscavam seu lugar no cartunismo sul-africano.

Um deles era Dave Gaskill, artista inglês que imigrou para Johannesburgo em 1973. Depois de ter publicado alguns cartuns no *Rand Daily Mail* e de ter ilustrado uma revista de TV na cidade de Durban, Gaskill passou a fazer parte da equipe do *The Citizen* como ilustrador *freelancer*. Outro jovem artista que encontrou nas páginas do periódico pró-*apartheid* uma oportunidade de se tornar conhecido foi Weyni Deysel, natural de Porto Elizabeth, e que naquele mesmo período, também veiculou cartuns em jornais da imprensa africânder. Ambos se tornariam, com o passar do tempo, grandes expoentes do cartunismo sul-africano. Foge desse

padrão, entretanto, a presença do traço de Victor Ivanoff nas páginas do jornal. Em 1976, quando o *The Citizen* foi criado, Ivanoff já gozava de grande prestígio no meio editorial sul-africano. Nascido na Lituânia, o artista já havia sido cartunista principal do *Die Vaderland* entre 1937 e 1972. Na leitura de Mason, seu trabalho fez parte de um movimento de avanço técnico e expressivo no cartunismo africâner, utilizando mais as sombras do que as charges geralmente usavam na década de 1930, e que marcou seu trabalho mesmo na década de 1970 (MASON, 2010).

Há a chance de que Ivanoff tenha sido abordado pelo Departamento de Informação para colaborar com o periódico justamente para emprestar sua credibilidade como cartunista experiente na imprensa em língua africâner para o novo jornal – coisa parecida ocorreu com a jornalista conservadora Aida Parker, que, antes de escrever para o *The Citizen*, tornou-se conhecida por seus textos para o periódico em língua inglesa *The Star*, do grupo Argus, rival do SAAN (NIXON, 2015; OBERMEYER, 2016).

É necessário circunscrever a ideia de autoria ao se pensar sobre os cartuns de ambos os jornais. Aliás, no *The Citizen* (mais até no que seu rival liberal), relatos do próprio Secretário de Informação, Eschel Rhoodie, indicam que ele exerceu uma função de “coordenação editorial” de modo ativo no jornal em mais de uma ocasião (SANDERS, 1997; OBERMEYER, 2016). Mesmo que tais relatos não existissem, por mais que estejamos falando aqui de cartunistas que historicamente se posicionaram mais à direita, em defesa de posições conservadoras e em associação com a imprensa africânder (constante apoiadora do governo), é preciso se considerar o *modus operandi* do Departamento de Informação. Os relatos sobre os outros projetos de propaganda do governo que envolveram profissionais terceirizados¹² remetem a um diálogo constante entre os idealizadores das ações de dentro do Departamento e os profissionais que executavam a ideia. Sendo assim, onde o *Rand Daily Mail* trazia algumas críticas jocosas de Connolly às posturas do governo referentes ao Sudoeste Africano, com a figura da *SWAPO* e de Sam Nujoma pouco presentes, nos cartuns do *The Citizen* a história contada era outra.

Em “*Don’t worry, we will look after you*” (“Não se preocupe, nós cuidaremos de você”), de março de 1978, a organização foi apresentada por Deysel como o cão de guarda do Ocidente (Figura 09). Em outro cartum também assinado por Deysel, de março do mesmo ano, Sam Nujoma aparece como um sujeito de duas faces: uma pacífica, apresentada à ONU, e outra agressiva e violenta, usada para inspirar os atos de sua organização, considerados terroristas pelo

¹¹ Tradução minha. No original: “*When this bid failed, the Department of Information decided that they would secretly launch their own English- language newspaper, The Citizen. This project would also be fronted by the Afrikaner businessman, Louis Luyt, who had led the bid for SAAN.*”

¹² Um desses projetos foi o estabelecimento da editoria de histórias em quadrinhos Afri-Comics, abordada em artigo anterior. (MARTINS, 2022)

governo africânder. A conclusão possível diante desse cenário foi colocada em um cartum de Gaskill, publicado em 29 de março de 1978, chamado “*Different Paths*” (“Caminhos Diferentes”), onde é possível ver Pik Botha e P.W. Botha, dois dos ministros sul-africanos que lideraram as negociações sobre a situação do Sudoeste Africano junto aos organismos internacionais, caminhando na direção da “paz para todos”, enquanto Sam Nujoma percorre um outro caminho, deixando para trás uma fila de cadáveres, rumo ao “poder para poucos”.



Figura 09 – “Não se preocupe, nós vamos cuidar de você”, de Weyni Deysel
 Fonte: *The Citizen*, 14 de fevereiro de 1978



Figura 10 – “Duas faces de Sam Nujoma”, de Weyni Deysel
 Fonte: *The Citizen*, 1º de março de 1978

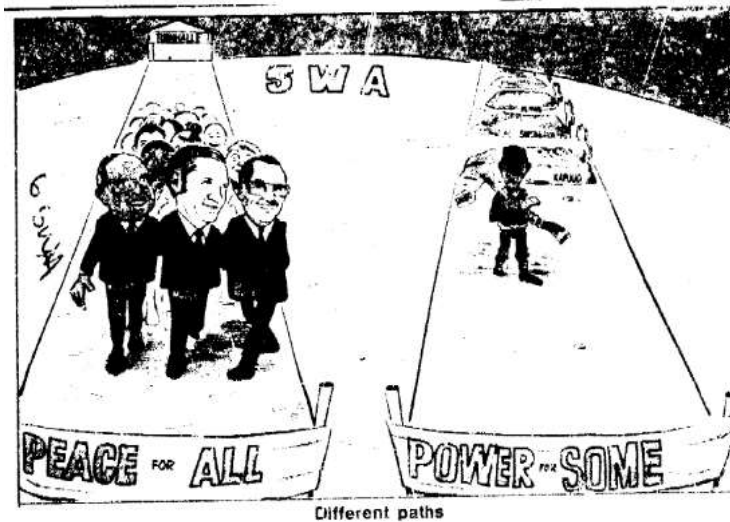


Figura 11 – “Caminhos diferentes”, de Weyni Deysel
 Fonte: *The Citizen*, 29º de março de 1978

Apesar dessa semelhança na imagem apresentada da *SWAPO*, o Ocidente aparecia nos cartuns do *The Citizen* em uma posição oposta àquela dos cartuns do *Rand Daily Mail*. Se nos cartuns do jornal liberal é possível se ler que a ONU e o Estado Sul-Africano trabalhavam juntos pontualmente na solução das questões relativas às eleições, ainda que com discordâncias e disputas, no *The Citizen* o Ocidente é quem usava os “terroristas” da *SWAPO* a seu favor: é quem fazia questão de acreditar na civilidade mentirosa de Sam Nujoma; é quem “enterrava a cabeça” para não ver o que é óbvio para o senso comum pró-*apartheid* propagado pelo jornal (Figura 12). O Juíz Steyn, para o *The Citizen*, não estava limpando a bagunça junto à ONU, mas sim, travando uma corrida contra os cinco países (Reino Unido, França, EUA, Canadá e Alemanha Ocidental) que compunham o grupo de contato da entidade para mediar a situação (Figuras 12 e 13).



Figura 12 – “Os Cinco Grandes”, de Victor Ivanoff
 Fonte: *The Citizen*, 06 de maio de 1978



Figura 13 – “Últimos Galopes”, de Victor Ivanoff
 Fonte: *The Citizen*, 26 de junho de 1978

Por outro lado, as eleições gerais eram apresentadas pelo *The Citizen*, assim como pelo *Rand Daily Mail*, como a panaceia para os conflitos na região, sendo uma solução alheia aos conflitos armados nas fronteiras e no interior do Sudoeste Africano (Figura 14).



Figura 14 – “O caminho para a paz e a autodeterminação”, de Dave Gaskill
 Fonte: *The Citizen*, 05 de dezembro de 1978

As diferenças nas leituras apresentadas nos cartuns de cada jornal são compreensíveis, visto que defendiam agendas políticas distintas. O que acrescenta um componente especialmente interessante à análise são as semelhanças.

A branquidade¹³ como ponto de convergência

Como Mason (2010) pontuou, a imprensa liberal em língua inglesa criticava o governo do Partido Nacional africânder, mas se beneficiava dele. Afinal, há como desvincular o crescimento dos grupos editoriais dos brancos de ascendência inglesa na década de 1970 do fortalecimento da repressão contra a imprensa no país? A proeminência da imprensa liberal inglesa, assim como o lugar cristalizado de “oposição” que a história oficial lhe reservou, só era possível mediante a destruição de uma imprensa negra organizada.

É neste ponto que a ideia de branquidade como regime político responde à aparente contradição. Não se tratava simplesmente de as pessoas se identificarem como brancas, pois esse não era o expediente dos sujeitos envolvidos na produção e veiculação dos cartuns analisados, por mais que nos censos populacionais essa fosse a categoria racial que lhes era atribuída, independente da língua que falassem e de sua origem familiar. Tratava-se, outrossim, da consciência de pertencimento a um grupo minoritário cuja existência dependia da manutenção daquele arranjo social que oprimia a maior parte da população. Nesse sentido, a definição de Melissa Steyn sintetiza bem:

[Branquidade] precisa ser desconstruída [...] não como um avanço contra indivíduos brancos, mas na ideia de “branquidade” como uma construção histórica e discursiva, ideologicamente naturalizada, que é tanto uma posição de vantagem social quanto o conhecimento e a auto compreensão construídas a partir dessa posição (STEYN, 2000, p. 4).

É o compartilhamento dessa condição, a despeito das disputas coloniais históricas e dos antagonismos presentes entre africânderes e britânicos, o elemento chave para entender o temor que nacionalismo negro representava à minoria branca sul-africana, assim como a razão pela qual as eleições gerais no Sudoeste Africano sem a participação da *SWAPO* pareciam a solução derradeira para o conflito armado.

¹³ Há debate em língua portuguesa sobre a utilização dos termos *branquidade* e *branquitude* na seara das relações raciais. Aqui, uso *branquidade* para ensejar a discussão levantada por Edith Piza (2005), que, em outras palavras, define *branquitude* como a condição da pessoa branca inserida na luta antirracista, e *branquidade* como a condição de supremacia branca construída historicamente e mantida por um sofisticado conjunto de ações ora invisibilizantes do caráter racial de tal supremacia, ora justificantes de tal dominação. Em suas próprias palavras, “sugere-se aqui que branquitude seja pensada como uma identidade branca negativa, ou seja, um movimento de negação da supremacia branca enquanto expressão de humanidade. Em oposição à branquidade (termo que está ligado também a negritude, no que se refere aos negros), branquitude é um movimento de reflexão a partir e para fora de nossa própria experiência enquanto brancos. É o questionamento consciente do preconceito e da discriminação que pode levar a uma ação política antirracista” (PIZA, 2005, p. 07). Camila Moreira de Jesus (2012) fez uma boa síntese desse debate, situando-o na trajetória conceitual das discussões raciais brasileiras. É importante enfatizar que este é um debate eminentemente brasileiro. Na África do Sul o debate em língua inglesa gira em torno do termo *whiteness*, enquanto dimensão construtora da subjetividade racista dentro do regime de poder da supremacia branca, e *critical whiteness*, que seria a proposta de Piza para o termo *branquitude*.

3 - Das trincheiras ao fim da guerra: o escândalo da informação e suas consequências

Em um espaço de dois anos, toda a operação de propaganda montada pelo Partido Nacional decolou, alcançando bons resultados. Em 1977, o governo nacionalista africânder conquistou a maior vitória eleitoral dos seus 45 anos de existência, obtendo 65% dos votos válidos e angariando 134 das 165 cadeiras possíveis na *House of Assembly*, câmara menor do Parlamento sul-africano. E parte disso pode ser atribuída ao sucesso do *The Citizen*. Em sua análise sobre o impacto do jornal no cenário eleitoral nacional, Rees e Day afirmaram que:

Uma das razões para a massiva vitória foi o largo número de cidadãos anglófonos que votaram no Partido Nacional. E, novamente, o recém lançado jornal Citizen desempenhou significativo papel nesse fenômeno. (...) Pouco depois de seu lançamento, *The Citizen* estava ostentando uma circulação (diária) na casa dos 90.000 (exemplares) (REES; DAY, 1980, p. 10).¹⁴

Mesmo considerando que os números do jornal eram inflados, como os próprios Rees e Day haviam descoberto, é possível confirmar que a circulação do jornal em Johannesburg girava em torno das 60 mil edições diárias (REES; DAY, 1980, p. 11) – um terço a menos que as 90.000 declaradas oficialmente, mas ainda assim um número considerável. Dessa forma, quando o *Rand Daily Mail* expôs se tratar de uma operação disfarçada (*covert operation*, como chamavam) do governo africânder, o impacto público não podia ser pequeno. A revelação de que o então maior líder do Partido Nacionalista, John Vorster, assim como aquele que parecia seu natural sucessor, Connie Mulder, estavam totalmente envolvidos em um pântano de desvio de dinheiro público, financiamento secreto de empresas privadas e enriquecimento de magnatas aliados à *Broederbond* gerou uma crise moral sem precedentes no regime. A maneira como tudo isso veio à tona do público acrescentou, inclusive, um sabor apimentado à toda a situação.

Em *Muldergate*, livro dedicado a contar a história do Escândalo da Informação sob a ótica de alguns dos jornalistas que levaram a cabo a investigação da história, Mervyn Rees e Chris Day revelam que a chave para conectar as evidências que encontraram foi um funcionário do Departamento de Informação: Retief van Rooyen. Rooyen era um advogado que ocupava um cargo comissionado dentro do Departamento de Informação e tinha pessoalmente participado da Operação Annemarie – o código usado no Departamento para tratar da operação envolvendo o estabelecimento e controle secreto do *The Citizen* por parte do governo africânder. Seu contato com os jornalistas do *Rand Daily Mail*, entretanto, não começou em 1975, quando a operação se

iniciou ainda em seus primeiros passos, visando adquirir uma parcela das ações da SAAN. O que levou Von Rooyen a soprar o apito de alerta, indo diretamente ao jornal que seus chefes consideravam o principal inimigo do governo foram os planos seguintes de Mulder e Rhoodie.

“Eu sabia que tinha que fazer algo para pará-lo (a Mulder). Eu tinha colocado minha cabeça através da porta de uma ditadura em potencial e o que eu vi lá foi horrorizante”,¹⁵ foi o que Von Rooyen disse a Rhee pelo telefone em 26 de setembro de 1978 (REES; DAY, 1980, p. 72). A “porta” a que Voon Rooyen se refere eram os planos que haviam sido traçados em 1976 por Rhoodie, Mulder e Van Der Bergh, então ministro do BOSS (Gabinete de Segurança de Estado), que James Sanders sintetizou da seguinte forma:

Durante Julho de 1976, Rhoodie, Mulder e Van Den Bergh reuniram-se nas Olimpíadas de Montreal e desenvolveram um "plano para mudança" que seria empregado a partir da aposentadoria ou morte de John Vorster. O núcleo desse plano envolvia [...] o estabelecimento de um *think-tank* reunindo importantes servidores públicos de carreira, líderes do comércio e da indústria, cientistas, desenvolvedores tecnológicos, cientistas políticos, estrategistas militares, representantes dos serviços de inteligência e aplicação da lei do país. O *think-tank* seria responsável por todo o planejamento avançado do país envolvendo grandes programas políticos, socioeconômicos e obras de infraestrutura. Esse *thinktank*, ou conselho supremo, faria recomendações ao Gabinete - mas o Gabinete não seria autorizado a tomar decisões por si próprio, sem que o conselho supremo discutisse as questões previamente. [...] Rhoodie descreveu o plano como tendo simbolizado 'o desejo de que poderia haver uma ditadura, a qual nós qualificaremos como 'benevolente' ou 'verlig' [esclarecida], para reforçar o desenvolvimento separado em uma escala inovadora' (SANDERS, 1997, p. 73-74).¹⁶

É importante ressaltar que Von Rooyen era, além de funcionário de carreira do Departamento de Informação, membro do Partido Nacional africânder. Em 1977, sua face já havia ganho alguma notoriedade depois que ele voluntariamente interrompeu uma coletiva de imprensa protagonizada por Donald Woods, jornalista e ativista anti-*apartheid*, questionando as denúncias de Woods sobre as circunstâncias da morte de Steve Biko – denúncias que dias depois

¹⁴ “One of the reasons for this massive victory (134 out of 165 seats) was the large number of English-speakers who voted for the National Party. And again, the newly launched Citizen newspaper played a significant role in this phenomenon. [...] Shortly after its launch, the Citizen was boasting of a 90.000 circulation”.

¹⁵ “I knew I had to do something to stop him. I had put my head through the door of potential dictatorship and what I saw there horrified the hell out of me.”

¹⁶ “During July 1976, Rhoodie, Mulder and van den Bergh assembled at the Montreal Olympics and developed a 'blueprint for change' which would be employed following the expected retirement or death of John Vorster. The core of this blueprint involved: ...the establishment of a thinktank comprising key civil servants, leaders of commerce and industry, scientists, technologists, political scientists, military strategists, representatives of the country's intelligence and law enforcement services. The thinktank would be responsible for all the country's forward planning on major political, socio-economic and capital works programmed. This thinktank, or supreme council, would make recommendations to the Cabinet - but the Cabinet would not be allowed to make decisions on its own, without the supreme council first discussing the issues. (...) Rhoodie described the plan as having symbolized '... the wish that there could be a dictatorship, which we qualified as "benevolent" or "verlig", to enforce separate development on an imaginative scale.”

se provariam verdadeiras com a descoberta de que Biko morrera em virtude de uma brutal sessão de tortura à qual foi submetido pelos agentes de segurança do Estado. Tratava-se de um operador institucional do regime de *apartheid*, ideologicamente comprometido com a causa nacionalista africânder. O fato de Von Rooyen ter buscado jornalistas do *Rand Daily Mail* para expor uma descoberta que lhe causara preocupação é, por si, bastante revelador.

Primeiramente, porque demonstra a escala de valores erguida pelo projeto político do Partido Nacional. Para Von Rooyen, era justificável assassinar um jovem de 21 anos que clamava seus conterrâneos a desenvolver uma Consciência Negra como oposição ao regime de segregação racial do qual eram vítimas, ao ponto de interferir em uma entrevista coletiva que denunciava tal crime. Também era aceitável para ele participar de uma larga operação envolvendo manobras na contabilidade pública, lavagem de dinheiro em bancos europeus, colaborações escusas com corporações particulares. A linha no chão a qual Retief Van Rooyen não ousava cruzar era o esvaziamento do poder político das instâncias representativas dos brancos de seu país.

Em seguida, evidencia o quanto mesmo ocupando posições diametralmente opostas no cenário da política institucional da África do Sul, Van Rooyen e Rhee possuíam uma ponte que os conectava: o zelo pela integridade das “instituições democráticas” da República da África do Sul – instituições que, tanto em teoria quanto na prática, eram desenhadas para servir de guarida para a branquidade sul-africana. Compreender a existência de tal fronteira moral do nacionalismo africânder, assim como os limites da oposição que o *Rand Daily Mail* poderia oferecer, são condições necessárias para que seja possível entender a repercussão do escândalo nos próprios cartuns editoriais do *Mail*.

Um dos pontos explorados com afincado pela pena de Bob Connolly foi a corrupção envolvida no que ficou conhecido como *Muldergate*. Afinal, a ideia de honestidade com a coisa pública era uma parte preponderante para o conservadorismo africânder. E, além disso, o recente sucesso do Partido Nacional nas eleições do ano anterior entre o eleitorado de ascendência inglesa era um indicativo de que a denúncia de corrupção e desvio de fundos trazida por Van Rooyen poderia ser um ativo bastante versátil na campanha oposicionista do *Mail*: por um lado, alarmava o moralismo africânder; por outro, chocava a audiência de ascendência inglesa, sugerindo sua colaboração para a construção daquele estado de coisas. O peso no custo da corrupção para a totalidade das finanças públicas era uma retórica genérica, que atingia ambos os grupos e minava a base do governo em ambos, e por isso era abordado com alguma frequência, como no cartum “Arte de Quintal” (Figura 15), em que Connolly representa o escândalo como uma lata repleta de lixo de onde exala a “corrupção cara”, ou em “Minhoca na Maçã” (Figura 16)

onde o mesmo escândalo é representado como um verme que sai do interior da maçã chamada África do Sul para devorar o pagador de impostos.



Figura 15 – “Arte de Quintal” de Bob Connolly
Fonte: *The Rand Daily Mail*, 1978

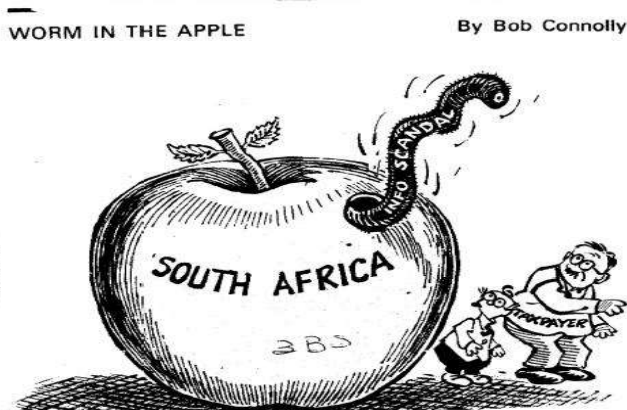


Figura 16 – “Minhoca na Maçã”, de Bob Connolly
Fonte: *The Rand Daily Mail*, 06 de dezembro de 1978

O argumento genérico, buscando fomentar questionamentos ao governo a partir de uma retórica moral, apareceu também no cartum “Atraindo a atenção dele” (Figura 17), publicado em dezembro de 1978. Por ocasião das audiências na Comissão Erasmus de Inquérito conduzida pela Suprema Corte, Connolly pintou a África do Sul como um homem preso em “pântano de Informação”, em referência ao Escândalo, incapaz de notar ou engajar qualquer contato com o espírito natalino, que margeia o lamaçal pantaneiro junto ao *Little Man*.



Figura 17 – “Atraindo a atenção dele”, de Bob Connolly
 Fonte: *The Rand Daily Mail*, dezembro de 1978

O *Mail* tratou do assunto de forma genérica nos cartuns, tampouco os direcionou a um público inespecífico. Houve momentos em que o nanquim de Connolly buscou interlocução direta com os próprios nacionalistas africânderes. Em maio de 1978, quando já tinha evidências de um desvio contábil para financiar projetos secretos de propaganda, Bob Connolly produziu “O Peso da Responsabilidade” (Figura 18). Ali, o cartunista valeu-se de uma declaração dada pelo próprio Rhodie quando assumiu o cargo de Secretário do Departamento de Informação, quando afirmou não se furtar de elaborar ações “pouco convencionais”. A sagacidade do cartum foi relacionar a descoberta da manipulação orçamentária e a declaração de Eschel Rhodie como uma articulação esquisita que sustentava uma visão de mundo *verkrampste*, colocando assim fogo no debate interno do nacionalismo africânder – afinal, tanto Mulder, que aparece no cartum segurando os “fundos secretos”, quanto Rhodie, municiado de seus “métodos pouco convencionais”, aparecem dando as mãos para acomodar uma representação estereotipada do que seria esse nacionalista africânder mais conservador, justo eles, integrantes da ala *verligte* do Partido, defensora de uma abordagem mais “iluminada”, “esclarecida” e liberal do *apartheid*. Tudo isso, é claro, enquanto se apoiam cada um em uma mão do premiê BJ Vorster.



Figura 18 – “O peso da responsabilidade”, de Bob Connolly

Fonte: *The Rand Daily Mail*, maio de 1978

Em outubro daquele ano, quando a Comissão de Inquérito já havia sido montada para investigar as denúncias trazidas a público pela série de reportagens do *Mail*, Connolly acenou em direção ao que poderiam ser os mesmos setores do Partido Nacional africânder representados pelo delator Von Rooyen. Em “*Revelação?*” (Figura 19), vê-se uma dupla de personagens engravatados identificados como nacionalistas (“*nats*”) a puxar o manto do “disfarce” usado para cobrir os fundos secretos do Departamento de Informação diante de um surpreso e aparentemente ansioso *Little Man*. A interrogação no título dá o tom provocador, mas a postura do *Little Man* é um indicativo do quanto Connolly e o editorial do *Rand Daily Mail* como um todo esperavam que aquelas movimentações fossem mais do que uma mera chacoalhada no governo, e que o regime de *apartheid* demonstrasse ter condições de se limpar de tais máculas.



Figura 19 – “Revelação?”, de Bob Connolly

Fonte: *The Rand Daily Mail*, 24 de outubro de 1978

A surpresa e ansiedade de *Little Man*, utilizado pelo cartunista como uma representação do cidadão sul-africano médio, é uma forma de Bob Connolly se inserir de maneira concreta e destacada como autor. Ainda que a autoria em um discurso mediado como o dos cartuns editoriais de periódicos não se resume à figura do cartunista, nesse caso, a autoria expressa pela reação do personagem ao processo de “descoberta” operacionalizado pelos nacionalistas africânderes pode, também, ser visto como mais um dos ladrilhos que construiu a ponte sobre a qual Von Rooyen passou – a ponte que unia a população branca da África do Sul, fosse africânder ou de ascendência inglesa, fosse conservadora ou liberal, que era o interesse em preservar aquela ordem socioeconômica que lhes reservava os melhores empregos, os cargos de distinção, o acesso aos melhores serviços e a exploração da mão-de-obra barata oferecida pela maioria negra controlada rigorosamente através das regras do sistema de desenvolvimento separado.

Tal relação de certa anuência para com os nacionalistas africânderes não diminui as proporções do *Muldergate*, ou Escândalo da Informação, enquanto fato político negativo para o Partido Nacional. O escândalo ganhou a alcunha precisamente porque desconfigurou de maneira impactante o futuro próximo que se desenhava para os principais representantes do nacionalismo africânder, que era o fortalecimento de Mulder através da sua eleição como primeiro-ministro. Entretanto, essa desconfiguração gerou uma solução mantenedora do sistema vigente, com um deslocamento do eixo político do Transvaal, antiga república bôer, de significado profundo para a identidade africânder, para a Cidade do Cabo e o círculo militar de P.W. Botha, fortalecendo a

agenda militar de segurança nacional, articulada em nível geopolítico com a política de “contenção” dos Estados Unidos da América na Guerra Fria. A situação pode ser resumida como uma delação de um burocrata descendente direto dos pioneiros bôeres no interior do país, feita a jornalistas liberais de ascendência inglesa que abriu o caminho para um governo centrado no círculo militar africânder da Cidade do Cabo. A supremacia da branquidade sul-africana e o regime de *apartheid* continuaram de pé, ao menos pelos primeiros anos da década iniciada em 1980. A partir desta década, a campanha internacional *anti-apartheid* e a favor da libertação de Nelson Mandela ganharia proporções titânicas, insuflando, aí sim, uma oposição forte ao regime de apartheid e o governo de minoria branca não apenas do *The Rand Daily Mail*, mas da grande maioria da imprensa em língua inglesa no país.

LISTA DE FONTES

MIGHTY MAN. Pretoria: Afri-Comics, 1975-1977. Disponível em: <<https://idep.library.ucla.edu/afri-comics>>. Acesso em: 14. Fev. 2021.

CONNOLLY, B. **Coleção de cartuns selecionados.** In: Rand Daily Mail, Johannesburgo, 1977-1979. Disponível em: <<https://www.sabinet.co.za/information-services/news-research-services/sa-media>>

DEYSEL, W.; GASKILL, D; IVANOFF; V. **Coleção de cartuns selecionados.** In: The Citizen, Johannesburgo, 1977-1978. Disponível em: <<https://www.sabinet.co.za/information-services/news-research-services/sa-media>>

MASON, A. **What's So Funny?** Under the Skin of South African Cartooning. Claremont: Doublestorey, 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BITTENCOURT, Marcelo. Confronto no campo do nacionalismo angolano. In: "**Estamos Juntos!**" - O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974), volume 1. Luanda: Editorial Kilombelomba, 2008, p. 105 – 158.

COSTA, I. C. G. **Defender-se na memória: estratégias e significados em narrativas de combatentes sul-africanos brancos que lutaram em Namíbia e Angola.** 2015, 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia.

JESUS, C. M. Branquitude X Branquidade: Uma Análise Conceitual Do Ser Branco. In: III Encontro Baiano de Cultura, 2012, Salvador. **Anais** [...]. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/05/Branquitude-x-branquidade-uma-ana-%C3%83%C3%85lise-conceitual-do-ser-branco-.pdf>>. Acesso em: 14. Fev. 2021.

HACHTEN, W. A.; GIFFARD, C. A. **The Press and Apartheid: Repression and Propaganda in South Africa.** Basinstoke: Palgrave, 1984.

- KEMNITZ, T. M. The Cartoon as a Historical Source. In: **The Journal of Interdisciplinary History**, Cambridge, v. 4, n. 1, verão, 1973, p. 81 - 93.
- MASON, A. J. **What's So Funny? Under the Skin of South African Cartooning**. Claremont: Doublestorey, 2010.
- MILLER, J. **An African Volk: the apartheid Regime and its search for survival**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2016.
- MINTER, W. Explicações - teorias, factos e argumentos. In: **Os contras do apartheid**. Maputo: Arquivo História de Moçambique, 1998, p. 76 – 104
- NIXON, R. **Selling Apartheid: South Africa's Global Propaganda War**. Londres: Pluto Press, 2015.
- OBERMEYER, J. **Apartheid South Africa's Propaganda Effort, c. 1960 – 1980: The Hearts and Minds Campaign of the National Party**. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculty of Arts and Social Sciences, Stellenbosch University. Disponível em: <https://scholar.sun.ac.za/bitstream/handle/10019.1/100360/obermeyer_apartheid_2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18. ago. 2018.
- PIZA, E. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. In: I Simpósio Internacional do Adolescente, 2005, São Paulo. **Anais** [...]. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100022&script=sci_arttext>. Acesso em: 14. Fev. 2021.
- REES, M.; DAY, C. **Muldergate: The story of the information scandal**. Joanesburgo: Macmillan, 1980.
- RHOODIE, E. M. **The Paper Curtain**. Johannesburgo: Voortrekkerpers, 1969.
- SANDERS, J. **A Struggle For Representation: the international media treatment of South Africa, 1972-1979**. Tese (Doutorado em Estudos Africanos e Orientais) – University of London, 1997. Disponível em: <<https://eprints.soas.ac.uk/28509/>>. Acesso em 29 mai. 2019.
- STEYN, M. Novos matizes da branquidade: a identidade branca numa África do Sul multicultural e democrática. In: WARE, V. (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 115-160.

Recebido em: 09/03/2022

Aprovado em: 30/05/2022